

Dinis Machado

60 anos à procura da palavra que esclarece e de que só encontramos sucedâneos



A editora Bertrand festeja hoje os 30 anos de *O Que Diz Molero*. E os 77 anos do autor, Dinis Machado. Viagem pela vida de um escritor a quem bastaram menos de 200 páginas para ganhar assento na história da literatura portuguesa do século XX. *Adelino Gomes (texto) Pedro Cunha (fotografias)*

● Entra-se na sala e aguarda-nos, ao fundo, junto da janela, uma nuvem de fumo. De dentro da qual tomam forma, lentamente, os traços de Dinis Machado.

- Olá, muito prazer em vê-lo

- dispara uma voz calorosa.

- Olá, numa nuvem de fumo?

Pensava que tinha deixado de fumar.

Dulce, a mulher, acode. "Ele deixou...", meio explica, naquela voz colocada de *mezzo-soprano* que os mais velhos reconhecemos da música de Lopes-Graça. "Sente-se."

- Estou em baixo, um bocadinho mal de saúde - atalha o escritor, como quem acabou de descobrir, para o mal, na cigarrilha, a mezinha eficaz.

Fumou já três, mostra o cinzeiro e lembra-lhe Dulce. "Deixou praticamente de fumar. Duas, três por dia. Para o que ele fumava, é já deixar de fumar..."

- Muito bonitas as ilustrações, não acha? - Dinis Machado, outra vez a inflectir o sentido da conversa, aponta a edição comemorativa do livro que o consagrou, há 30 anos, e a que a Bertrand juntou agora 12 ilustrações de António Jorge

Gonçalves. Absolutamente fora do vulgar. "Não conhecia? Veja aqui estas que ele nos ofereceu", mostra Dulce, estendendo uma pequena bolsa de plástico em que as protege. "São diversos tipos de Lisboa."

Tosse insistente impede-o por momentos de responder à questão intrigante que o entrevistador quer ver esclarecida ainda antes da entrevista: o que levou o escritor a viver fora do Bairro Alto? Trocado, ainda por cima, pelas Avenidas Novas. E há tantos anos, segundo nos infere de entrevistas anteriores.

- Conheci a Dulce - responde, quando a tosse lhe permite.

Dulce não deixa passar a inverdade. "Não sou eu a causadora. Saiu de lá aos 30 e tal anos, ainda antes de escrever *O Que Diz Molero*, e mesmo antes de escrever os [três romances] policiais [com que se iniciou nas letras, sob o pseudónimo de Dennis McShade: *A Mão Direita do Diabo, Requiem para D. Quixote e Mulher e Armas*]." Os três escritos num ano, sublinha o escritor. A seis contos cada um. "É a vidinha", comenta, ajudado pela contextualização de Dulce:

"Estava a Rita [filha única do seu primeiro casamento com Marília Ferreira Alves, engenheira química, já falecida] para nascer, e eles precisavam de dinheiro."

Insisto na pergunta sobre as razões que o levaram a abandonar o Bairro Alto. "A Marília sempre viveu ali para o pé do Campo Pequeno e ele foi para lá", responde Dulce [Cabrita, economista, reformada da Universidade Técnica, intérprete inesquecível das canções de câmara de Fernando Lopes-Graça].

O livro (atenção a estas duas palavras: vão aparecer ambas grafadas em maiúsculas, mais à frente, e não será por gralha e muito menos por acaso) é a memória da infância e juventude do autor no Bairro Alto. "Tinha tudo, o Bairro", explicará muitos anos depois, em conversa com Clara Ferreira Alves, num comboio para o Porto. "Tinha os jornais, as livrarias, as igrejas, as casas de fado, os teatros, a Brasileira... a rua fervilhava de ideias políticas que mudavam conforme se mudava de uma rua para a outra." Um mundo que vai do Camões a S. Pedro de Alcântara e, à

medida que o grupo vai crescendo, desce ao Cais do Sodré e se estende ao Palladium e à Avenida.

Embora tivesse continuado a frequentá-lo, deixou cedo de lá residir, porque deixou de nele se reconhecer. Anos depois, porém, é dele que faz o enredo do seu *opus magnum*, editado em Março de 1977 e que, até ao fim desse ano, conhecerá cinco edições, acontecimento raro no mercado livreiro português da época.

Antes da primeira pergunta "formal", Dulce (que pediu para acompanhar a entrevista como auxiliadora da memória, muito debilitada, do marido) chama a atenção para esta coincidência numérica das efemérides que editora e leitores hoje celebram do escritor e respectivo livro: "É engraçado isto dos 77 anos, porque foi também em 1977 que *O Que Diz Molero* saiu..."

"Já agora, a revista *Tintin* [de banda desenhada, que a Bertrand comprara à Editorial Íbis, trazendo na compra Dinis Machado...] era também dos 7 aos 77", acrescento, tendo no subconsciente, talvez,

ecos daquela frase, a páginas 41, de *Mister DeLuxe* para Austin, sobre "insignificâncias que seriam pueris se não fossem reveladoras, o acaso lá está para pôr tudo no seu devido lugar".

PÚBLICO - No fundo, há dois pretextos para esta homenagem de hoje à tarde, no Tivoli: os 30 anos de *O Que Diz Molero*, com o lançamento de uma edição especial do livro, e os seus 77 anos.

Qual acha que é o segredo para este livro continuar a entusiasmar leitores novos?

DINIS MACHADO - Tenho a impressão que é assim uma espécie de parede de deitar abaixo. Eu entrei na área da imaginação. E trouxe uma certa lufada de ar fresco que beneficiou leitores que normalmente não ligavam à literatura. Acho que tive essa sorte.

Isso explica, provavelmente, o êxito nos anos 70. Mas hoje? Há livros que têm a sorte de ser uma espécie de eco de geração. Esse parece que é. Acredito na sorte. Acho que fui um dos beneficiados da abertura nessa época.

"Molero diz", disse Austin, "que a infância



O público, em geral, terá sido injusto em relação aos seus livros posteriores [Discurso de Alfredo Marceneiro a Gabriel Garcia Marquez, 1984, Reduto Quase Final, 1989, Gráfico de Vendas com Orquídea, 1999]?

Acho que não. Tudo isso é relativo e nós temos que aceitar as coisas como elas são. Aceitar o nosso triunfo imediato e aceitar as nossas derrotas.

Isso é de um homem bem formado. Mas lá no fundo, no fundo, não pensará às vezes: “Estes tipos não leram bem...”?

(A voz de Dulce, do fundo da sala: “Não leram, não! Nem sequer leram, não é só ler bem...”)

Às vezes penso isso. Mas não me quero preocupar. Porque o livro está no seu lugar. O lugar escolhido pelos leitores.

(Pergunta semelhante, daqui a meia hora. Pedro Cunha acaba de chegar. É preciso aproveitar os poucos minutos que restam da luz do dia a entrar pela janela, um

Vejo-me na minha cidade um pouco como personagem solta, anarquista, solitário e pacífico. Procuro evitar a violência e a provocação. Mas não posso falar de nenúfares quando as coisas não são assim

palmo acima da cabeça do escritor, que continua afundado no maple. Depois dos primeiros disparos, o fotógrafo conta-lhe que antes de vir para o trabalho foi tentar comprar o livro num albarrabista. Responderam-lhe: “Mas isso é uma raridade!” Frustrado, adquiriu *Os Pescadores*, de Raul Brandão. Dulce diz que tem na estante uma edição da obra com fotos de seu irmão, o célebre fotógrafo Augusto Cabrita, já falecido.

Pausa para alguns minutos com o desfiar das reacções de cada um dos repórteres ao lerem pela primeira vez *O Que Diz Molero*.

Pedro Cunha evoca o deslumbramento com que entrou naquelas páginas. Percebe-se agora porque quis ir ao alfarrabista: antes de chegar diante do autor queria absolutamente voltar a olhar o livro, que jaz perdido algures na confusão de uma mudança recente.

O entrevistador cita *Pela Estrada Fora*, dizendo-lhe que uma década depois da descoberta de Jack Kerouac voltara a sentir a mesma vertigem jazzístico-literária naquelas frases de Dinis Machado a

descreverem cenas de pancadaria entre os Vai ou Racha e os camones de uma esquadra americana acabada de fundear no Tejo. E será aí, sem guardas, primeiros sinais evidentes do cansaço anunciado pela mulher, que lhe sai - tão inesperada quão compreensível - a frase que qualquer ser humano haveria de proferir, ao fim de 30 anos de massacre de fás e de repórteres, sempre com as mesmas observações sobre o mesmo livro: “Eu estou saturado d’ *O Que Diz Molero*. Estou saturado...”

Viveu muito tempo com a história que veio a escrever naquele livro? Bastante tempo. Quando escrevi os policiais, tinha já a ideia de escrever um romance machadiano, que não fosse da época. Como é que fez? Fechou-se em casa, com uma licença sem vencimento?

Não tinha licença sem vencimento. Utilizava o tempo, e tal. Sempre tive uma certa facilidade para utilizar o tempo para mim.

Durou quase dois anos, a escrita do livro. Escrita muito rasurada.

Quer dizer que emenda muito? Depois. Sobre o texto original. Para aproximar a palavra do sítio onde deve estar.

A ideia que temos, quando o temos, é que foi escrito de um jacto. Confirma?

Foi fulminante.

Lia as frases alto, como nós temos vontade de fazer quando nele entramos, dada a oralidade que transporta?

Fiz um bocadinho. [Tosse intensa a impedir a conversa. “Deixa o cigarro”, pede-lhe Dulce. Dinis Machado faz que não a ouve]. Dei a ler aos meus amigos. Ou melhor, li-o aos meus amigos. Interessava-me muito a temperatura do livro, o que é que eles encontravam lá. Todos acabaram por se reconhecer.

(Dulce lembra-lhe que os chamou lá a casa. Do grupo, só um está vivo. Vai hoje à homenagem. Chama-se Armando Santos, “era da Caixa Geral de Depósitos, esses empregos que se têm”, acrescenta o escritor)

Quanto tempo demorou a ler-lhes o livro? →

do rapaz foi particularmente estranha



"dê a Molero as férias indispensáveis a uma convalescença perfeita, pagas e com bônus, dê-lhe também um abraço meu,

→ [Foram lá a casa] Duas ou três vezes. Acharam muita piada.

(Pepe, Simões, Alfredo, Sousa, Antero, Francisco Sousa Pedrosa, Joaquim de Sousa Calipto, Armando dos Santos. Só depois de recebido o *nihil obstat* destes amigos - "empregados, bancários, funcionários" - é que Dinis Machado se abalança a propor a edição do livro a Maria da Piedade Ferreira.

Sua colega na Bertrand, esta entusiasma-se com o que lê. "Hei-de editar este livro, nem que seja despedida", anuncia. Mesmo assim, faz uma edição no papel mais barato e fixa-lhe o preço em 100 escudos, com medo da reacção do patrão se o livro se revelar um fracasso.

Os três mil exemplares da primeira edição vendem-se num ápice. Segunda edição em Julho. Outra em Agosto e logo outra em Setembro. E mais uma, a quinta, em Outubro.

O primeiro sinal positivo, para Dinis Machado, chegara de Luís Pacheco, "visitante passageiro" da livraria do Chiado. "Disse-me, na sala de entrada: 'Tu és do *Tintin*, pá? O teu livro é que é bestial', e mais não sei o quê."

Dinis Machado entrara para a editora para garantir a continuidade

da revista *Tintin*. Com o tempo, tornara-se "pau para toda a obra". Naquele momento, ajudava Piedade Ferreira na escolha de textos e escrevia para as badanas dos livros.)

Andou na Escola Comercial até ao 3.º ano. Mas, mesmo sabendo nós que nesse tempo o ensino tinha alguma solidez, não trouxe de lá, certamente, a bagagem cultural que veio a revelar mais tarde?

Foi nos interstícios da leitura. Procurava livros, autores, e descobri alguns pouco conhecidos na altura. **O que é que leva um rapaz do Bairro Alto, amigo da boémia, para as literaturas?** Sempre tive essa mania. Desde miúdo que me agarrei aos livros. Para perceber os mecanismos da literatura.

Onde é que os lia?

O meu pai [que foi, entre outras actividades, árbitro de futebol, modalidade que Dinis Machado praticou intensamente, no Atlético Clube de Portugal, de Alcântara] dava-me dinheiro para alugar. Ia com amigos à Barateira, escolhíamos um livro, deixávamos dinheiro, que eles cativavam. Quando o devolvíamos eles davam-nos o dinheiro, ficando com algum para eles, o valor do aluguer.

Outros, como José Saramago, frequentavam mais a biblioteca pública. Também.

(Dulce lembra-lhe que ao Fernando Pessoa leu-o todo na Biblioteca Nacional, na altura situada no Chiado. "Eu andava a descobrir os autores que já tinham sido descobertos. Primeiro os portugueses. Depois segui os [Raymond] Chandler e esses gajos americanos [como Dashiell Hammett, outro dos seus ícones]."

Ao mesmo tempo, descobre o fascínio do cinema. Recorda as horas seguidas em que ficava no Loreto a ver em sessões contínuas dois filmes que havia por cada sessão, "até acabar, à meia-noite". A aprendizagem cinematográfica - divertimento, primeiro; escola de vida, depois - estende-se ao Chiado Terrasse, onde se dá o encontro com o neo-realismo italiano, ao Jardim Cinema, ao Paris, ao Royal, até que, já adulto, chega, com os amigos, aos cinemas de estreia, como o S. Jorge.

Proponho que voltemos ao Bairro Alto: em circunstâncias normais, a vivência num grupo assim, num ambiente cheio de solicitações, não costuma dar grandes frutos

Continuo no mesmo sítio, no chamado sítio em que um gajo tem uma venda nos olhos e não sabe bem como é. Acho que a resposta de Deus não é convincente nunca. (...) No entanto, talvez no caminho para Deus um gajo encontre qualquer coisa de significativo. O mundo vai melhorar? Duvido disso

culturais. Que impulso o terá levado para e mantido na escrita?

Dulce pede-lhe que repita a episódio - já narrado noutras entrevistas - do professor de português a quem chamavam "Alma Negra".)

Isso é outra história. O "Alma Negra" tinha-nos mandado fazer uns exercícios. Eu cheguei tarde, tinha estado a jogar à bola. No fim, chamou-me e disse-me: "Você não acabou a redacção, não fez as respostas da gramática, mas tudo o que fez é de uma grande qualidade. Aceite o conselho: se gosta da literatura, avance pela literatura." **A literatura passa então a ser um projecto de vida?**

É isso mesmo. Já não são só as coisas do vulgar, as coisas quotidianas. É a tentação de criar uma atmosfera num universo próprio e que estivesse ligado aos autores que eu escolhia e de quem gostava.

A escrita de *O Que Diz Molero* quando foi começada? Já depois do 25 de Abril. Sentiu-se proibido antes? Não.

Em 1975, a maior parte de nós andava para aí na rua. Nessa altura, um homem que gosta muito da rua e tem consciência

social recolhe-se a escrever um livro. Porquê?

É curioso. Não sei, talvez um levantamento da memória. Eu tinha a minha memória ali. Coincide ou não com a revolução, [mas] é a minha memória.

Agradou a toda a gente independentemente das posições políticas. Talvez porque é um livro humano, de pessoas, de gente. Mas naquela altura, provavelmente, muitas discussões entre nós eram sobre a intervenção no processo político em curso.

“Desculpe eu meter-me, mas embora não vivesse nessa altura com ele, ouvi-o contar muitas vezes essas coisas.” É Dulce de novo, a quem respondo, sem ponta de hipocrisia, que naquelas circunstâncias - uma evidente quebra de memória do autor, há três dias em sessões de entrevistas para a rádio, televisão, jornais - aquele tipo de intervenção é não apenas aceitável como bem-vindo. “Tu disseste-me - diz, dirigindo-se ao marido - que tinhas pensado escrever O Livro. Dizias: ‘O Que Diz Molero é O LIVRO. Os policiais não são O LIVRO.’”

E os outros que vieram a seguir?, pergunto ao escritor. “Isso já são outras miragens”, responde. “Mas gostava de ter escrito uma outra obra a que pudesse também agora chamar, O Livro?” A resposta sai-lhe em três frases: “Acho que não era capaz. E acho que, para uma vida, já chega. Queremos mais da vida, às vezes, do que ela pode dar.”

Dulce outra vez, para clarificar melhor o que ficou contado lá atrás, a propósito da data em que o autor iniciou Molero: “Ele pensou que antes do 25 de Abril eles não deixavam passar O LIVRO.” “Sim, isso eu percebi”, confirma Dinis Machado, que pede “mais um cigarrinho”. “Dinis, estás a abusar.” “Está bem, desculpa.” “Olha, acabaste o maço, depois à noite não...”

Começou a escrever aos 17 anos. Crónicas no *Record*. Passou depois por variadíssimos títulos: *A Bola*, *Diário de Lisboa*, *Diário Ilustrado*. Chegou a chefe da secção desportiva, no *Lisboa*. Que diferenças assinala entre o jornalismo de então e o de hoje? As vozes próprias estão a fazer-se ouvir. É importante. E que embrulhem as vozes do povo naquilo.

Muita gente diz que o jornal em papel vai acabar, agora que as pessoas estão mergulhadas num ambiente de televisão, Internet... Como leitor, custa-me muito.

Acaba por ficar tudo no simulacro da televisão, coisas efémeras que não têm importância nenhuma na condução dos povos.

Começamos esta conversa pela dupla homenagem: aos 30 anos da edição de *O Que Diz Molero* e aos 77 do seu autor. Número bizarro. A idade pesa-lhe? Tenho uma certa falta de saúde. Mas chega-me o que tenho, para combater na área que me é específica.

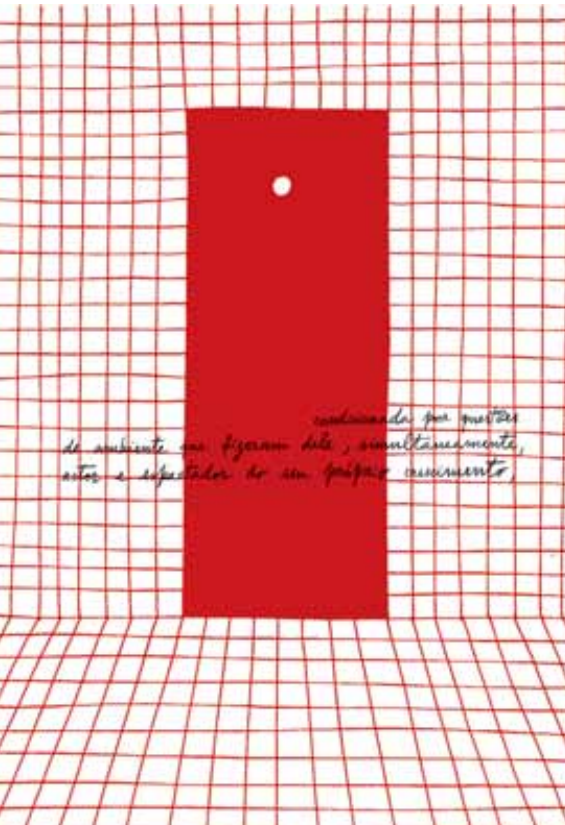
Mas agora não está a escrever. Ou está?

Não. Escrevi para o *Jornal de Notícias* durante muitos anos.

Terminei no ano passado. Aquilo era uma espécie de ponto de encontro entre mim e o leitor interessado nas coisas novas. Não sei se teve algum interesse.

Nunca mais escreveu nada?

(De novo Dulce: “A última coisa que escrevi foi um depoimento para o António Alçada Baptista, para sair no livro de homenagem.”)



Escreveu durante 60 anos. Agora que parou, as frases continuam a surgir-lhe na mente?

Aparecem. Estou sempre cheio de frases. Coisas que não têm aplicação. É uma espécie de exercício que eu tenho. E que faço com facilidade e prazer.

Disse, a propósito, numa entrevista a Clara Ferreira Alves, no *Expresso*, em 1999: “Se tivesse que me descrever, diria que sou

uma pessoa à procura de palavras e que às vezes as encontra.” É isso.

Qual é a palavra de que continua a procura ainda?

A palavra que esclarece. Não é fácil de encontrar. Encontramos só sucedâneos.

Esclarece o que o autor quer dizer?

Tudo. O que queremos dizer e à volta disso.

O livro que não precisa das ilustrações

Há um subtil cordão que liga António Jorge Gonçalves, autor de BD e ilustrador, a *O Que Diz Molero* e Dinis Machado. A história dessa ligação - que tem agora um epílogo (provisório?) na feita das ilustrações da edição especial do livro - talvez pudesse começar a ser contada no final dos anos 70 do século XX. Nesse tempo, Vasco Granja levou o desenhador às oficinas gráficas da Bertrand para ver a impressão da revista *Tintin*. “Eu sonhava que um dia gostaria de ver os meus desenhos impressos naquele infundável lençol de papel”, diz. E admite ainda que ficaria marcado, para sempre, por “aquela manta de retalhos que era a revista, com as histórias de duas páginas que passavam, sem transição de Achile Talon para Ric Hochet”.

Foi ali que viu pela primeira vez Dinis Machado, e isso não foi sonho. O contacto real, porém, só ocorreria muitos anos mais tarde, em 1994, quando António Jorge Gonçalves trabalhou na adaptação teatral de *O Que Diz Molero*, levada à cena no Teatro Nacional D. Maria II.

“Foi um livro paternal para mim. Marcou-me porque é a obra na sua expressão mais artística de liberdade, porque cabem lá todos os géneros”, refere o desenhador. Por isso, o artista não tem dúvidas em afirmar que é um livro inclassificável e indefinível, impossível de encaixar num género, porque é burlesco e poético, policial e romanesco: “Surge num momento exuberante do país. Dinis Machado cavalgou essa onda de liberdade que o país vivia.” Daí o fascínio, traduzível na “passagem de Sartre para Chaplin, do registo existencial para o registo burlesco”, que é a marca pessoal da ligação do ilustrador ao texto.

Passada mais uma dúzia de anos, nova aproximação ao universo do livro. Primeiro apontamento: “Nenhum livro precisa de ilustrações.” A explicitação surge sob a forma de uma metáfora: “É como pôr açúcar no café; passa a ser açúcar com café e não café com açúcar.” Além do mais, António Jorge Gonçalves sabia: “Não podia interferir com a obra nem presumir-me co-autor de uma obra que não precisava nada disso.”

Como ultrapassar a contradição? “Fazendo uma moldura...” As soluções para a capa e contracapa são canónicas (“é a cara do livro”, diz o artista). Quanto às ilustrações que abrem e encerram o livro, António Jorge Gonçalves optou por “criar um discurso gráfico que as fizesse funcionar como uma espécie de porta de entrada e de saída do livro, e também como um extratexto”. É dessa forma que se cumpre a “homenagem” do artista gráfico à obra literária: “É a minha forma de ver os dois personagens [Austin e Mister De Luxe] através de ambientes labirínticos e burocráticos em que eles se movem.” **Carlos Pessoa**

Uma espécie de Rosebud, a palavra que é a chave? No fundo será isso. Mas a palavra que não surpreende apenas o leitor. Surpreende também o autor. Clara Ferreira Alves escreve, nessa belíssima entrevista, que se alguém tentou reservar-lhe um lugar na literatura portuguesa, o Dinis Machado nunca se quis sentar nele. Mas tem consciência de que ganhou esse lugar? Sim, tenho um bocado de consciência. Tenho respeito pelas pessoas que me puseram lá. [Mas] Por que é que hei-de estar naquele lugar?

Continua a ler?

Mais releituras. Do romance negro e das novas literaturas que trazem alguma novidade.

Diferenças entre o Portugal de antigamente e o de hoje, salvaguardadas as óbvias, relacionadas com a liberdade? Sinto-me desiludido mas ao mesmo tempo há um grande desejo de liberdade no meio disso tudo. A *LR* promove neste momento uma votação sobre o maior português de sempre. Tem um nome?

Gosto muito de um português valente que salvou aquela gente toda dos nazis - Aristides Sousa Mendes. Tentou fazer um trabalho valorativo da sua própria vida. Como olha para o mundo de hoje, alguém que se define a si próprio como um “anarquista pacífico e solitário”?

Não há uma resposta directa para isso. Nos lugares onde nasce a esperança também nasce a desesperança. Vejo-me na minha cidade um pouco como personagem solta, anarquista, solitário e pacífico. Procuo evitar a violência e a provocação. Mas não posso falar de nenúfares quando as coisas não são assim.

Tive também erros estratégicos e tomei a nuvem por Juno. Engrossava a fileira dos contestatários esquecendo que, na base, às vezes, está uma frustração importante. Uma coisa de que se orgulhe neste seu tempo?

O pundonor das pessoas que lutam para melhorar o mundo. Che Guevara é um exemplo marcante e que felizmente continua vivo. Disse ainda na tal entrevista a Clara Ferreira Alves: “Não encontrei Deus e Deus não me encontrou.” Oito anos depois, alguma coisa de novo, nesta frente?

Continuo no mesmo sítio, no chamado sítio em que um gajo tem uma venda nos olhos e não sabe bem como é. Acho que a resposta de Deus não é convincente nunca. Tem um ar determinista em que não acredito. No entanto, talvez no caminho para Deus um gajo encontre qualquer coisa de significativo. O mundo vai melhorar? Duvido disso.

Nesta sua frase - “não encontrei Deus e Deus não me encontrou” - senti subjacente a ideia de que se tal tivesse acontecido sentir-se-ia muito mais feliz.

Seria interessante. Pelo menos tinha esse problema resolvido...

Uma sessão de leitura e comentários assinala os 30 anos de O Que Diz Molero e os 77 anos de Dinis Machado hoje, às 18h30, no cinema Tivoli, em Lisboa. Na sessão, moderada por Nuno Artur Silva, das Produções Fictícias, participam o escritor António Mega Ferreira, os actores António Feio e José Pedro Gomes, o humorista Ricardo Araújo Pereira, o advogado António Pinto Ribeiro e a jornalista Anabela Mota Ribeiro.